Cada um é responsável por si

Benedicto Ismael Camargo Dutra (*)

Tem havido muitas discussões em torno da IA. O que se passa realmente? Falam da aproximação de uma crise com tudo interligado. São vários fatores, no pano de fundo, tais como: EUA x China, incluindo dólar, tarifas, recursos minerais, avanço da IA bélica e tecnologia, comunicações, dívida pública, falsas verdades

De fato, a crise já está aí na carestia, na precarização das condições gerais de vida e da espécie humana. A dívida pública aumenta e a precarização geral também, gerando tensão e ansiedade que vão se espalhando, o que não será bom.

A rivalidade entre as duas maiores potências econômicas migrou do comércio tradicional para o domínio tecnológico. Há um movimento crescente de países buscando alternativas ao dólar americano para transações internacionais, acelerado por sanções econômicas e disputas de tarifas. A corrida da IA generativa e os modelos de infraestrutura refletem a força da competição para ver quem dominará a economia e a defesa nas próximas décadas.

O ser humano está fora da realidade natural da vida. Encontra-se como que em meio a uma névoa chamada de pós verdade, criada pelo intelecto humano desconectado da alma. Isso transforma fatos em narrativas que passam a ser encaradas como verdades. E quando isso se mistura com disputas geopolíticas, cria um mundo onde quase nada é visto como realmente é.

Enfim, os acontecimentos apontam para a eclosão de uma grande crise global. O grande desafio é o de sempre. Tem faltado à humanidade a consciência de sua responsabilidade com o futuro, por ter sido displicente ao longo dos milênios com a vida, seu futuro, sua sustentabilidade.

O que pensam os jovens sobre a vida, o Brasil e o mundo? Como preparar seres humanos de valor, conscientes de sua responsabilidade perante a vida? A fase é difícil. A economia global está em desequilíbrio, e o dinheiro, perdendo valor. É importante buscar o sentido da vida em vez de ficar criando falsas verdades turvando tudo. Se houvesse o conhecimento da reencarnação do espírito com clareza, as pessoas saberiam que teriam de voltar a tudo o que fizessem sobre a Terra.

Muitas vezes o indivíduo é tocado pela dúvida, pela sensação de ter perdido algo, mas não vai em frente, trava a si mesmo com ponderações; é esse o grande obstáculo que o retém nas baixadas. Cada um é dotado da livre resolução. O que se pode fazer é um esforço para conscientização e indicação do caminho, mas despertar e reconhecer a verdade é tarefa para cada pessoa individualmente.

Há dois mil anos o ser humano recebeu a oportunidade de se reconectar com a própria alma, posta de lado pelo egocentrismo cerebrino, através dos esclarecimentos claros de Jesus amparado pelas leis universais da natureza. Faltou acolhimento da essência, cuja amplitude espiritual acabou sendo perdida, porque o ser humano se apegou, unilateralmente, à compreensão do mundo material e suas necessidades.

Olhando para o futuro disse Jesus: e se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fome, e pestes. Agora se fala em reset, mas possivelmente ocorrerá, após o desmanche dos erros, um renascimento da humanidade, que terá de seguir o fluxo das leis naturais universais, reconectando-se com a própria alma, restabelecendo a conexão do cérebro com a sua essência espiritual, e a capacitação para analisar o que se passa à sua volta. É preciso recuperar a capacitação de sua livre escolha voltada para o bem geral. É nisso que reside o segredo do progresso harmonioso da humanidade, até hoje tão desprezado.

Apesar do turbilhão de estímulos intelectuais sobre a mente, o fato é que cada um é responsável pelo seu futuro; se não cuidar disso atentamente poderá perder a essência espiritual individual, que tem sido mantida inativa. Cada um tem de procurar a Luz da Verdade por si, com querer forte e força de vontade.

(*) Graduado pela Faculdade de Economia e Administração da USP. Coordena os sites https://vidaeaprendizado.com.br/ e https://library.com.br/home/ . E-mail: bicdutra@library.com.br

O risco real de tratar a confiabilidade elétrica como detalhe técnico

O debate público atual sobre o impacto do uso energético em nossas vidas tradicionalmente se volta para duas perspectivas centrais: o custo que ela representa e a quantidade que precisamos consumir

Jamil Mouallem (*)

Embora ambas sejam fundamentais, elas não explicam, sozinhas, o verdadeiro peso que a infraestrutura elétrica carrega nos bastidores dessa discussão. Basta olhar para a produção industrial, a conservação de alimentos, os serviços de saúde, as comunicações e para boa parte da nossa atividade econômica para entender a importância de um fornecimento energético contínuo e estável. Quando essa estrutura funciona perfeitamente, tende a passar despercebida; mas ao falhar, suas consequências aparecem rapidamente, provando que a capacidade energética deve ser, acima de tudo, um debate amplo sobre a sua resiliência.

O impacto da importância da energia ou a falta dela no dia a dia começa muito antes de chegar ao consumidor final. O custo de geração e distribuição interfere diretamente no preço da energia que dimensiona a capacidade de investimentos e ampliação da infraestrutura necessária para o crescimento do país. Um estudo da Ex Ante Consultoria Econômica, contratado pela Associação Brasileira de Grandes Consumidores Industriais de Energia e de Consumidores Livres (Abrace Energia), aponta que o aumento dos custos da eletricidade respondeu por 48,2% da inflação acumulada nos preços dos investimentos brasileiros entre os anos de 2000 e 2026. O levantamento considera máquinas e equipamentos, edificações, obras de infraestrutura, atividades agropecuárias e desenvolvimento de sistemas.

O custo, porém, é apenas uma parte dessa dependência. Uma indústria pode planejar seu orçamento para absorver despesas maiores, ainda que isso limite investimentos e pressione sua competitividade. Uma interrupção no fornecimento



Leung Cho Pan_CANVA

energético traz outro tipo de risco, que varia conforme a atividade, mas pode comprometer processos, equipamentos, dados e serviços. São problemas distintos, embora tenham a mesma origem estrutural: a importância da eletricidade para manter a economia em funcionamento.

Segurança Energética

A expansão dos sistemas digitais tornou essa relação mais visível: transações financeiras, gestão de estoques, comunicação, segurança e atendimento médico e tantas outras atividades críticas ou não dependem de equipamentos e sistemas que precisam de energia para operar. Nas residências, a conexão entre dispositivos também se amplia, acompanhando a adoção de soluções para trabalho, entretenimento e segurança. A eletricidade deixou de ser apenas um suporte para atividades específicas e passou a sustentar uma rede de operações que se cruzam e dependem umas das outras e essa realidade exige atenção a toda a cadeia de fornecimento.

Gerar energia em quantidade suficiente é indispensável, mas não resolve sozinha a necessidade de entregá-la com confiabilidade. Redes de transmissão e distribuição, manutenção, modernização e planejamento para períodos de maior consumo também determinam a capacidade de resposta do sistema. A segurança energética depende tanto da oferta quanto das condições para que ela chegue ao destino quando é necessária.

O recorde de demanda instantânea registrado pelo Sistema Interligado Nacional em fevereiro de 2025, quando a carga alcançou 106.532 megawatts, ilustra muito bem essa pressão. Em períodos de temperaturas elevadas, o aumento do uso de equipamentos de climatização exige mais do sistema elétrico, justamente quando o conforto térmico ganha importância. A demanda não se comporta de maneira uniforme ao longo do ano, e médias de consumo não são suficientes para orientar todo o planejamento. É necessário considerar picos, diferenças regionais e as condições em que a infraestrutura será mais exigida.

No campo das instalações, essa preocupação também precisa chegar à rotina de empresas, instituições e residências. Dimensionamento adequado, manutenção e avaliação dos impactos de uma interrupção ajudam a identificar vulnerabilidades antes que elas se transformem em prejuízos. Em operações nas quais uma parada pode comprometer serviços ou gerar perdas relevantes, recursos de proteção elétrica e alimentação de emergência podem fazer parte da estratégia de continuidade, desde que sejam compatíveis com a necessidade de cada ambiente.

Continuidade Operacional

A transição energética amplia o alcance dessa discussão. Diversificar fontes, reduzir emissões e melhorar a eficiência são objetivos importantes, mas precisam vir acompanhados de infraestrutura capaz de sustentar uma sociedade cada vez mais dependente da eletricidade. O avanço não deve ser medido apenas pela capacidade de produzir energia ou pela participação de fontes renováveis e sim pelas condições de fornecimento, pelos custos envolvidos e pela preparação do sistema para atender à demanda cada vez mais crescente.

Demanda essa que acompanha a evolução dos equipamentos que estão transformando a maneira como trabalhamos, produzimos e cuidamos dos espaços em que vivemos. Essa transformação trouxe ganhos, mas também tornou a continuidade do fornecimento energético mais relevante para atividades que antes não dependiam de tantos recursos conectados.

O debate sobre energia continuará envolvendo tarifas, consumo e expansão da oferta. Esses temas são essenciais, mas precisam dividir espaço com outra preocupação: a capacidade de manter em funcionamento tudo aquilo que já construímos em torno da eletricidade.

O desenvolvimento de um país não depende somente de quanta energia ele consegue produzir, mas, principalmente, de como administra os custos, prepara sua infraestrutura e protege as atividades que dependem dela. Quanto mais a sociedade incorpora a eletricidade à sua rotina, menos a confiabilidade pode ser tratada como um detalhe técnico e mais precisa fazer parte das decisões sobre o futuro.

(*) Sócio-diretor da TS Shara indústria nacional fabricante de nobreaks, inversores e estabilizadores de tensão e protetores de rede inteligente.

Todo líder tem um martelo

André Conejo (*)

Recentemente, a União Europeia convidou o Canadá a se tornar seu primeiro "membro associado". Há dois anos, a ideia soaria absurda. O Canadá sempre foi o aliado mais próximo dos Estados Unidos, com quase US$ 900 bilhões em comércio por ano entre os dois países. O que mudou no caminho não foi a geografia. Foi a liderança. E a lição vale para muito além da geopolítica.

Todo líder tem um martelo: o comportamento que o levou ao topo e que, justamente por ter funcionado, passa a ser usado para tudo. O problema é que liderança é contingencial, e nenhum estilo é bom em si mesmo. Gosto de pensar em um "U" invertido: na dose certa e no contexto certo, um estilo é eficaz; em falta ou em excesso, deixa de funcionar. E há dois jeitos de cair da curva: exagerar a dose ou aplicá-la no contexto errado. O caso canadense tem os dois.

A pressão máxima de Donald Trump rendeu concessões em várias mesas de negociação, e negar isso seria desonesto. Mas o mesmo martelo foi usado contra o vizinho e aliado. Tarifas, ameaças e a sugestão de transformar o Canadá no "51º estado" não produziram submissão. Produziram desconfiança.

Segundo o Pew Research Center, 59% dos canadenses passaram a ver os EUA como a maior ameaça ao país, contra 20% em 2019, ainda que a maioria os considere o principal aliado. Viraram um mal necessário. Em pesquisa do instituto Angus Reid, mais canadenses disseram que os EUA deveriam ser tratados como ameaça do que a China.

O martelo também criou o seu antagonista. No início de 2025, o Partido Liberal do Canadá estava cerca de 20 pontos atrás nas pesquisas, e Mark Carney era o azarão. À medida que Trump transformava aliados em adversários, Carney cresceu defendendo a soberania do país e foi eleito.

Desde então, combina firmeza com a construção paciente de alianças. O Canadá não rompeu com os EUA. Apenas aprendeu a depender menos deles. E Carney virou uma das vozes mais ouvidas do Ocidente.

Por que é tão difícil trocar de ferramenta? Porque comportamentos recompensados no passado tendem a se repetir, mesmo quando o contexto muda. Quanto mais um estilo funcionou, mais difícil é perceber que ele passou do ponto. Diante da primeira resistência, o instinto não é mudar de ferramenta. É bater mais forte.

As empresas conhecem bem esse ciclo. O executivo que espreme fornecedores ganha margem no trimestre e, anos depois, vê a inovação desses parceiros ir parar no concorrente. E vale o inverso: o líder conciliador demais evita conflitos até o problema adiado virar crise. O erro não está no estilo. Está em não perceber quando ele deixou de servir.

Em ano de eleição no Brasil, vale levar essa lente para além das empresas. A pergunta mais útil sobre qualquer líder, de qualquer lado, não é se ele é duro ou conciliador. É se ele sabe ler o contexto e dosar a resposta, ou se só tem um martelo.

É também a pergunta que cada um de nós deveria se fazer antes da próxima reunião difícil: estou escolhendo a ferramenta certa ou só batendo com mais força?

(*) Executivo, pesquisador e escritor, autor de "Ultimate Corporate Leader", publicado pela Alta Books.

Empresas & Negócios



www.netjen.com.br

TEL: 3043-4171